

VISÃO DO CORREIO

Combate falido ao crime organizado

Transformada, na manhã de ontem, em um necrotério a céu aberto, a Praça São Lucas, no Complexo da Penha, Zona Oeste do Rio de Janeiro, é prova cabal de que está falida a forma como o Estado combate o crime organizado. O Brasil dormiu, na terça-feira, apreensivo com os registros da anunciada mais letal empreitada das forças de segurança em comunidades fluminenses — até então, eram 64 mortos em mais de 12 horas de confronto. Acordou na quarta-feira estarrecido com imagens irrefutáveis de guerra. Cadáveres enfileirados no asfalto — carregados por familiares que denunciavam práticas de execução e tortura — revelaram que a chamada Operação Contenção é, na verdade, a mais letal do país, evidenciando que as urgências das ruas precisam se sobrepor aos embates políticos de palácios e escritórios.

Espera-se que uma investigação isenta de respostas à sociedade sobre a polêmica contenção, possibilitando punir culpados e reparar vítimas. Para agora, o Estado avançaria se abrisse mão de picuinhas eleitorais e mergulhasse, de fato, em uma ofensiva estratégica de resgate da segurança pública. Nesse sentido, o governador Cláudio Castro aceita ao reconhecer que o Rio é epicentro de um problema nacional, mas segue preso à lógica simplista do nós contra eles para lidar com a questão.

Senão, o que dizer da postura de delimitar as verdadeiras vítimas da operação? Uma cidade sitiada em plena luz do dia, com escolas e empresas fechadas e pessoas em pânico tentando voltar para casa, também padece com a insegurança. Apostar em pirotécnicas declaratórias e desconsiderar perspectivas de outros especialistas, como fez Castro e sua equipe, parece não favorecer a estratégia de “foco em integração” defendida por eles.

Da mesma forma, a decisão da Polícia Federal de descartar a participação

na operação precisa ser melhor explicada, e aliados do presidente Lula também devem descer do palanque e se dedicar a medidas que combinem inteligência e eficácia às necessárias ações ostensivas. O PL Antifacção, por exemplo, ainda não foi enviado ao Congresso.

Enquanto políticos e autoridades batem cabeça e narrativas, facções criminosas arquitetam um poderio sem limites. Tratam-se de grupos com tentáculos em diversos setores da economia, com articulações, inclusive, no exterior, e que têm no tráfico de drogas apenas um campo de atuação, como revelou recentemente a bem-sucedida Operação Carbono Oculto — focada na asfixia financeira dessas indústrias do crime.

Em manifesto conjunto, a Fiocruz e dezenas de instituições públicas e entidades civis e comunitárias — entre elas, Instituto Fogo Cruzado, Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Movimento Popular de Favelas — criticaram o que classificam como um “fenômeno multidimensional que há muito adocece nossa cidade, cancela o sonho de estudantes, impede o tratamento de doentes, rouba a tranquilidade das famílias, tira o sustento dos trabalhadores”. A realidade se repete pelo país — levantamento recente do Fórum de Segurança Pública indica que dois em cada 10 brasileiros vivem em áreas com atuação de facções criminosas e milícias — e exige fórmulas atualizadas de enfrentamento.

Há quase 15 anos, ganhou o noticiário internacional a imagem de traficantes na mata fugindo de blindados da Marinha e agentes de segurança que adentravam também no Complexo da Penha para tomar a comunidade. O Estado não se manteve; o crime ganhou corpo, território, poder bélico e, sobretudo, empresarial. Não se pode tentar contê-lo agora com o que já não funcionou quando as facções pareciam menos profissionalizadas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Rio 1

Nas entrelinhas, o colunista do **Correio Braziliense** Luiz Azedo tocou no cerne do problema do Estado paralelo na cidade do Rio ao fazer a referência “... às milícias, formadas por policiais e ex-policiais, que emulam com os traficantes o controle do comércio local e da economia informal. Às vezes, a polícia entra em campo quando a milícia perde território para os traficantes.” A força policial oficial ajuda a milícia a reconquistar espaços, uma vez que o Estado não investirá na presença com segurança e serviços públicos básicos, como educação, saúde, transporte etc. nas comunidades carentes, fermento de crescimento do Estado paralelo, nem tão paralelo assim, convenhamos.

» **Roberto Rodriguez Suarez**
Lago Norte

Rio 2

Tratar de gestões governamentais relacionadas à segurança pública exige muito discernimento. Espera-se que sejam debatidas pelos comandos das forças policiais, por especialistas e pela comunidade acadêmica. Entretanto, no que tange ao uso inoportuno dessa pauta — geralmente evitado de oportunismos populistas e de fórmulas simples para resolver problemas de alta complexidade —, é necessário que todos os cidadãos reflitam. Hoje, estamos em meio ao caos, no qual medidas urgentes e inteligentes se fazem necessárias. No entanto, essas medidas devem estar conjugadas com ações que resolvam essa problemática a longo prazo — uma frente não exclui a outra. Uma informação deve ser de conhecimento de todos: os bônus e os ônus da segurança pública são responsabilidade dos gestores estaduais e, subsidiariamente, da União e dos municípios. De modo geral, a PEC que está em discussão no Congresso Nacional e versa sobre essa temática representa um caminho plausível. Ela poderá permitir ações integradas e estratégicas. A título de exemplo, deve-se observar a recente operação deflagrada na “Faria Lima” que atingiu aquilo que dá sobrevida ao crime organizado: as finanças. Para que essa emenda avance, é necessário o apoio dos governadores — especialmente daqueles que, com frequência, terceirizam os ônus de suas ações.

» **Daniel Cunha**
Águas Claras

Rio 3

Tanto essas execuções quanto os policiais que morreram são marcos históricos que gritam a ineficiência da política de segurança pública do Rio de Janeiro. Não havia apenas bandidos e policiais, mas pessoas de bem que nunca mais voltarão para os braços de seus familiares.

» **Elimar Moises**
Brasília

Ode ao sucesso

O universo é o local de manifestação da organização: tudo na natureza é inteligentemente organizado. No universo, sucesso requer energia, inteligência criativa, inteligência organizativa e respeito às leis da natureza. A espécie humana faz parte da natureza e não pode escapar das determinações dela; logo, um governo que tenha por objetivo o sucesso da nação precisa organizar-se e priorizar iniciativas que respeitem as leis da natureza. Qual deve ser a prioridade desse governo? Promover a autonomia e a independência mental e econômica dos cidadãos, de tal modo que todos sejam realmente livres, isto é, não dependam do governo. Como fazer isso? Promovendo a competência mental das pessoas para que elas saibam como resolver os próprios problemas e criem uma cultura de sucesso para que elas assumam a sua — intransferível — responsabilidade na vida.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

Iluminação

Por que a CEB e a Neenergia não fazem um mutirão pelas cidades do DF para resolver o problema da escuridão? Em 2024, o presidente da CEB disse que, até o fim de 2025, trocaria todas as lâmpadas antigas por Led, para melhorar a claridade na noite. Pois bem, faltando dois meses para o fim deste ano, a promessa não nos parece ser cumprida. Por que não enviar equipes para averiguar, em todas as quadras e em outras áreas, se há ponto escuro? Não, o consumidor tem que passar minutos ao telefone e pedir, encarecidamente, a troca de lâmpadas queimadas. É questão de competência dessas empresas, que pioraram muito nos últimos anos.

» **Sebastião Machado Aragão**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O coronel tem toda a razão em reclamar. Não é só em Águas Lindas não, mas no DF também falta policiamento! Os salários são altos, têm reajuste todos os anos, mas PM na rua é coisa rara de se ver, principalmente à noite!

Washington Luiz S. Costa — Samambaia

A má conservação dos cemitérios é um termômetro da nossa humanidade, uma violência silenciosa. Se nem os mortos têm garantido o respeito, o que esperar da proteção aos vivos?

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Rio: de janeiro a dezembro em guerra.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Balas perdidas. Vidas perdidas. Autoridades totalmente perdidas.

Franciscarlos Diniz — Asa Norte

Intenso tiroteio nas favelas do Rio de Janeiro: traficantes tentando fugir dos usuários.

Ricardo Santoro — Lago Sul

O povo do Rio de Janeiro só quer sorrir, ser feliz e viver em paz. Chega de guerras, o mundo tem sede de paz. Paz, já!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Rio de Janeiro deixou de ser a Cidade Maravilhosa para ser tenebrosa.

Herondina Soares — Asa Norte

O Brasil perde muita renda no turismo devido à violência extrema. Cidades, como o Rio de Janeiro, têm a imagem muito prejudicada no exterior.

Marcos Gomes Figueira — Sudoeste



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Covardia sem limites

Há momentos em que eu questiono por que existem mulheres com a capacidade de conceber uma vida. São criaturas tão indignas dessa experiência, com o mal tão arraigado nelas, que deveriam ser estéreis, sem nenhuma possibilidade de dar à luz a uma criança.

O sentimento me veio novamente esses dias, quando li sobre uma infame que assassinou a filha, de dois meses, para se vingar do marido. A bebê foi morta por asfixia e tinha hematomas pelo corpo, ou seja, certamente foi espancada. Depois da barbárie, a homicida saiu para beber.

Pelo que mostra a denúncia apresentada pelo Ministério Público, é possível deduzir que a criança não tinha mesmo a menor chance de escapar do seu destino. Ela estava nas mãos de um casal abjeto. Horas antes do crime, a mulher mandou mensagens para o marido ameaçando cometer o assassinato. Em vez de sair em socorro da filha, ele instigou a companheira a matá-la.

Covardias como essa e inúmeras outras contra crianças e adolescentes

— justamente os mais vulneráveis, que mais necessitam de proteção — nos fazem duvidar de que há esperança para a humanidade. Causam-nos uma mistura de tristeza, repulsa, sentimento de impotência. A que nível chega a perversidade de uma criatura que traz uma vida ao mundo e a destrói com as próprias mãos, de forma violenta, impondo profundo sofrimento. É um espécime que não merece nem o ar que respira.

O medonho casal está preso, acusado de homicídio qualificado. A despeito da esperada condenação, não há, no Brasil, sentença de prisão capaz de fazer justiça ante um crime tão sórdido. Somos um país tolerante com a brutalidade. Nossa legislação penal é um rol de benesses para criminosos, até para os mais repugnantes. Se assim não fosse, torturadores, estupradores e assassinos de crianças e adolescentes apodreceriam na cadeia. Que bem faz à sociedade o retorno deles às ruas? A jaula, até o fim dos seus lamentáveis dias, seria o lugar correto para seres malignos assim.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS*
Localidade			SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br